

FSP
20/4/2000 Pg 1-2
157

Outros 500

ELIANE CANTANHÊDE

Brasília — *Cenário: um gabinete do quarto andar do Palácio do Planalto, terça-feira à noite.*

Personagens: o ministro Aloysio Nunes Ferreira, o general Alberto Cardoso, dois ou três assessores e os indefectíveis diplomatas.

Assunto: os riscos da festa dos 500 anos, sábado, em Porto Seguro.

Em comum, todos estavam preocupados com as manifestações contra o governo. Os políticos queriam reduzir a participação de FHC nos festejos. O general, responsável direto pela segurança do presidente, ansioso por um balanço preciso das negociações.

Já beiravam a cem as invasões promovidas pelo MST em todo o país, mas Aloysio garantiu que os sem-terra não provocariam confrontos. Haviam inclusive recuado para a pequena cidade de Eunápolis (BA).

Os índios passam a semana a mil, por toda a parte, mas Aloysio também garantiu que haviam fumado o cachimbo da paz. FHC elogiara a barri-

gona de um cacique, o governo baiano dera uma força, e eles se contentavam em armar barracos e barracas em Co-roa Grande (BA).

Bem, os estudantes no máximo gritariam umas palavras de ordem, e o ministro Rafael Greca cuidava diligentemente para contornar o ciúme dos nativos excluídos da festança nacional, quiçá internacional.

Quando os relatos sugeriam um verdadeiro mar de rosas, o general lembrou: "E os punks?"

Já sem paciência, Aloysio desdenhou: "Os punks? A gente mete um brinquinho nuns milicos, infiltra 'eles' lá e está resolvido".

Essa história tem dupla finalidade: 1) fustigar os cáusticos para no sábado conferir a realidade com as previsões e a tranquilidade do governo e 2) contentar os otimistas —se o Brasil é capaz de produzir tantas, tão variadas e tão aguerridas tribos tupiniquins (de MST a punks), é sinal de que as coisas não deram tão errado assim.

Quanto à tribo de 25 milhões de miseráveis? Bem, aí já são outros 500...

500 anos

CARLOS HEITOR CONY

Rio de Janeiro — *Cada vez mais tenho menos o que comemorar. Usando um latim macarrônico, diria que sou desprovido do "animus comemorandi". Deu-se que, certa vez, decidi festejar uma tarde especial, levei a moça para jantar e pedi um vinho caprichado.*

Ela recusou o vinho. Estava preocupada com as torturas do regime de Pinochet, no Chile. Como podíamos festejar alguma coisa se inocentes estavam sendo massacrados por um ditador sanguinário?

Tempos depois, Pinochet caiu, mas a moça continuou sem nada para comemorar. O motivo era a camada de ozônio da atmosfera terrestre, ameaçada pelos sprays dos desodorantes que assassinos da natureza criminosamente usavam.

Por essas e outras, nem estou aí para os 500 anos de Brasil que a barbárie nacional pretende festejar. Exterminamos os nossos índios, envenenamos nossos rios e lagoas, devastamos nossas florestas e emporcalhamos nossas praias.

Se tivéssemos um pingão de consciência, aproveitaríamos o chamado "enjejo" dos 500 anos para darmos o fora deste país maravilhoso. Como naquele tempo do "ame-o ou deixe-o", o último a sair apagaria as luzes do aeroporto.

Evidente que, nos próximos 500 anos, a natureza teria recomposto os estragos feitos por gerações predatórias. Em lugar das feias barcas de Niterói, teríamos as pirogas dos tamoios cortando bucolicamente as águas azuis da Guanabara.

Bem, o diabo seria arranjar um pedaço de terra onde 160 milhões de bárbaros, como eu, iríamos parar. O deserto do Saara seria uma opção, mas iríamos poluir aquele belo areal com nossos detritos.

Teríamos de enfrentar uma ONG que defenderia aquele meio ambiente da invasão de tantos agressores. Ficaríamos andando de lá para cá, em busca de uma terra que nem sequer nos fora prometida. A única vantagem nisso tudo é que estaríamos livres dos festejos promovidos pelo ministro Greca.